

Brasil vai pedir

-Economia

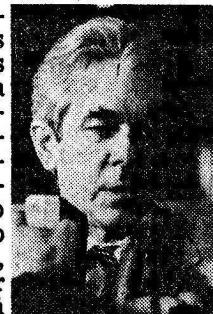
SEXTA-FEIRA — 31 DE OUTUBRO DE 1982

menor taxa de risco

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O Brasil vai pleitear junto aos bancos credores um spread (taxa de risco) semelhante ao conseguido pelo México, de 0,81%, revelou ontem o presidente do Banco Central, Fernão Bracher (foto). "Poderá ser próximo, para baixo ou para cima, mas será o mais reduzido possível, dependendo das conveniências", acrescentou. Após assinar um acordo com o FMI, o governo mexicano fechou um contrato com seus credores para o reescalonamento de US\$ 52,8 bilhões e a concessão de um empréstimo de mais US\$ 6 bilhões.

Bracher disse ter encarregado o seu diretor para Assuntos de Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas, de elaborar um esboço de alternativas de renegociação com



os banqueiros, aos quais o País deve cerca de US\$ 70 bilhões, cujas parcelas de amortizações vêm sendo roladas desde a crise financeira mundial de 1982. O presidente do BC não quis adiantar as alternativas em estudo.

Seixas viajou ontem para o Japão e França, em companhia do ministro do Planejamento, João Sayad. A missão tem o objetivo de conseguir com agências de financiamento japonesas e bancos privados um empréstimo de US\$ 500 milhões para o setor elétrico e realizar contatos mais estreitos com autoridades financeiras dos países ricos que se reúnem no Clube de Paris, ao qual o Brasil deve US\$ 7,5 bilhões.

Até que se marque uma data para se sentar à mesa com os representantes dos bancos credores, a fim de acertar um acordo de pagamento plurianual da dívida, Bracher assinalou que continuará mantendo contatos amistoso com banqueiros para que se obtenham "novas informações e o amadurecimento de idéias". Recentemente, Bracher esteve na Alemanha, onde se encontrou com alguns credores

do Brasil, Seixas e Sayad farão o mesmo no Japão e na França. "Ontem cedo tomei café com Sayad para acertar, para ver. Ele vai tratar de um mundo de coisas, e uma delas é ficar alerta para ver como estão as coisas", disse o presidente do BC.

Sobre o mercado negro do dólar, onde a moeda norte-americana já está sendo vendida pelo dobro do preço do câmbio oficial, Bracher voltou a condenar os agentes que atuam na área, por considerar que "estão lesando o País e a si próprios" e manifestou a esperança de que haja um esfriamento das cotações assim que o Banco Central começar a comercializar ouro, uma vez que as cotações desse metal interferem no chamado black. Na opinião do presidente do BC, a alta do dólar paralelo é explicada por "uma excitação de demanda" por parte de alguns setores. E negou que esteja sendo estudada a adoção de câmbio duplo — estabelecendo cotações mais baixas para empresas devedoras ao Exterior, enquanto os exportadores contariam com uma taxa mais elevada.